

APRENDENDO E ENSINANDO: SUAS RELAÇÕES COM AS AULAS DE MÚSICA NO PRESÍDIO REGIONAL DE SANTA MARIA

MEDEIROS, Maria Augusta dos Santos – UFSM
gutasnakes@bol.com.br

Área Temática: Formação de Professores
Agência Financiadora: Não contou com financiamento

Resumo

Este relato de pesquisa em andamento se refere a um projeto de mestrado, investigando de que forma ocorre o processo pedagógico-musical nas aulas de música que acontecem na Escola Estadual NEEJACP – Julieta Balestro, localizada no Presídio Regional de Santa Maria – RS – Brasil. Tendo como embasamento teórico o processo pedagógico-musical (KLEBER, 2006) como um “fato social total” (MAUSS, 2003) nas práticas musicais, sendo o conceito de “fato social total” (MAUSS, 2003), uma maneira composta de interpretação, na qual as perspectivas do pesquisador, dos sujeitos pesquisados e da literatura, pudessem ser trabalhados “em rede” (MARTINHO, 2004). A abordagem qualitativa se torna relevante nesta pesquisa por estar estudando as práticas musicais do ser humano. O método de pesquisa proposto é o estudo de caso etnográfico, por ser um estudo peculiar de uma cultura pouco vivenciada pelas pessoas da sociedade. Para a coleta dos dados os instrumentos escolhidos foram: observação-participante, entrevistas semi-estruturadas, diários de campo e análise documental. Acredita-se que esse estudo, possa contribuir com novas pesquisas na área da Educação Musical, com uma visão voltada para estudos sociais nas prisões, assim como possa servir de estímulo a pesquisas com presidiários, pois ainda é um ambiente pouco “explorado” na área da Educação Musical. Neste texto será apresentada a relação de ensino e aprendizagem musical que acontece nas aulas de música, ou seja, o processo pedagógico-musical sobre as aulas de música com os alunos-presidiários nos anos de 2005 e 2007. A análise desse projeto está sendo feita de acordo com o “fato social total”, sendo que este compõe todos os contextos que formam a cultura penitenciária.

Palavras-chave: Educação Musical e sistema carcerário; Processo pedagógico-musical; alunos-presidiários.

Introdução

Analisando pesquisas mais recentes em Educação Musical, verifica-se que muitos educadores/pesquisadores buscam em seus trabalhos, alternativas educacionais que possam ser (re)pensadas e analisadas no âmbito educacional (GOMES, 1998; LEMOS, 2002; PRASS, 2004; KLEBER, 2006).

Tendo experiência como professora voluntária de música na Escola Estadual NEEJACP - Julieta Balestro, localizada no Presídio Regional de Santa Maria desde o ano de 2005 e amparada pela Lei do voluntariado de nº 9.608/98, torna-se relevante o interesse e busca por um estudo aprofundado sobre o tema que norteia este projeto do curso de Mestrado em Educação de uma universidade pública.

Partindo também das dúvidas de estudante e professora em formação, a questão que estimulou este tema foi: Como ocorre o processos pedagógico-musical nas aulas de música localizadas num presídio? Para “responder” a essa questão, pretendo compreender a cultura penitenciária e implicações com as práticas musicais e o processo de ensino e aprendizagem musical.

O presente projeto está sendo realizado na Escola Estadual NEEJACP – Julieta Ballestro, localizada no Presídio Regional de Santa Maria, com os alunos-presidiários que estudam na escola. Sendo este um local não muito conhecido pelas pessoas da sociedade, tornando assim o principal interesse em pesquisar sobre o processo pedagógico-musical que ocorre nas aulas de música.

Aprendendo e ensinando, um processo de trocas

Para a compreensão das aulas de música e como elas se compõem, tendo em vista que esse projeto está sendo visto como processo pedagógico-musical como um fato social total, torna-se interessante a explanação dos contextos que formam esse fato social total. Os contextos encontrados para o desenvolvimento do projeto foram seis, sendo eles: o contexto jurídico, institucional, histórico, morfológico, sociocultural e de ensino e aprendizagem. Este último onde pretendo me deter com mais detalhes.

Para começar a falar sobre o processo de ensino e aprendizagem, devemos compreender o significado das palavras ensino e aprendizagem. Não farei um estudo histórico e aprofundado do significado das palavras ensino e aprendizagem, nem cabe essa tarefa a minha pessoa, até porque estudos sobre o processo de ensino e aprendizagem existem inúmeros na área da educação (CLAXTON, 2005; ZABALZA, 2004; SCHÖN, 1997; NÓVOA, 1992; DELORS, 1999; BORDENAVE e PEREIRA, 2002; LIBÂNEO, 1994).

Sobre o que significam as palavras aprender e ensinar acredita-se que elas são palavras complementares. O ser humano cresce e aprende enquanto indivíduo, tornando o processo de

aprendizagem uma constante e incessante busca por coisas novas, sendo um ser curioso. É o aprendizado que constrói nosso caráter, junto com nossa personalidade que vai se formando enquanto muito pequenos. Como aponta Claxton (2005, p. 16), “a aprendizagem não é algo que fazemos às vezes, em locais especiais ou em alguns períodos de nossa vida”. Mas se tratando de escola, a relação aluno e professor, o que significa aprender?

A aprendizagem existente nos grupos, neste caso com os alunos-presidiários, leva-nos ao entendimento de que esse possa ser o primeiro entendimento sobre a aprendizagem. A partir da cultura da qual fazem parte, os sujeitos vão aprender um “[...] sistema de concepções herdadas expressas em formas simbólicas por meio das quais estes comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida” (GEERTZ, 1989, p. 103). Esse processo de aprendizagem faz com que essa mudança ocorra não somente em relação à vida escolar, mas à vida de cada aluno-presidiário. Nesse sentido é que Claxton (2005, p. 17) menciona que a “aprendizagem modifica não somente o nosso conhecimento e o nosso agir, mas também o nosso ser”.

Acredito que aprender também tenha o significado de crescimento e socialização, pois em relação à escola, à sociedade e a diversos outros fatores, o aprendizado tem uma gama muito grande de culturas diferentes e acrescentam para nossa vida escolar e particular. Sobre aprendizagem, Libâneo (2000, p.77) diz ser “um processo interativo em que os sujeitos constroem seus conhecimentos através da sua interação com o meio, numa inter-relação constante entre fatores internos e externos.” No caso dos alunos-presidiários, esses fatores internos são suas vidas nas celas como presos, e os fatores externos podemos considerar suas vidas antes de suas estadias no Presídio, além da meteorologia, pois quando o dia está muito quente, a disposição dos alunos é diferente de quando o dia está chuvoso ou nublado.

Bom, mas para aprender, alguém tem que ensinar, não? Pois é, mas e quem ensina? Quem ensina não irá somente ensinar, certamente irá aprender tanto quanto vai e pode ensinar. E ensinar na escola, o que é? Será que só os professores são capazes de ensinar? E os alunos são simples receptores do conhecimento ou também são seres pensantes que ensinam e aprendem numa constante? Sabemos que o “papel” do professor e do aluno tem grande relevância, e que nem um e nem o outro tem o “papel” de coadjuvante no ensinar e aprender e sim, que somos todos os protagonistas do conhecimento.

Mas encontramos, muitas vezes, em nossas escolas, o entendimento de que o professor ainda é o “dono da verdade” e que controla seus alunos através do comportamento. Para isso,

achamos em Corrêa (2006) uma definição de aprendizagem e ensino para corroborar com os escritos acima.

Para Corrêa (2006), aprendizagem e ensino neste caso, significam:

A *aprendizagem*, neste sentido, é a aceitação, pelo aluno, de alguma forma de controle do comportamento estimulada pelo professor. O *ensino*, conseqüentemente, torna-se, não apenas a transmissão de informações ou de perícias, mas o ato de modificar, ou controlar, por formas específicas, o comportamento dos estudantes (CORRÊA, 2006, p. 29).

Sabemos que a socialização da aprendizagem com nossos alunos se tornam relevantes para a nossa reflexão tanto como professores quanto seres humanos e é essa reflexão que faz com que a gente construa a nossa identidade de professor.

Com os alunos-presidiários

Bom, mas e afinal, como é na sala de aula como os alunos-presidiários? Como é essa relação de ensino e aprendizagem entre alunos-presidiários e a professora de música? Sim, as perguntas são muitas e as respostas também. Pois bem, as aulas são ministradas numa sala minúscula de 2,5 metros por 2,5 metros, com uma média de 8 alunos, dependendo do período do ano, com cerca de 9 mesas e cadeiras ou carteiras, dependendo da sala, contendo um quadro branco, desses que se escreve com “canetão” e uma mesa e cadeira para o professor.

Em relação à última pergunta feita no primeiro parágrafo, deixo para responder agora, pois a resposta não é tão simples e merece uma atenção especial. Devo começar essa história pelo início (2005), até o ano de 2007, pois esse processo de ensino e aprendizagem não termina em nenhum momento, desde a minha primeira aula em 2005, até a última aula de 2007, levando em conta que o segundo semestre de 2007 foi considerado o período exploratório onde eu lecionava e ao mesmo tempo procurava olhar as aulas de música como pesquisadora.

No início, e acredito que isso ocorra com a grande maioria dos professores de “primeira viagem”, o nervosismo, a angústia e, às vezes, até a falta de ação em determinadas circunstâncias acabaram atrapalhando um pouco no “entrosamento” com os alunos, no caso, os alunos-presidiários. Como em 2005 o trabalho que estava sendo desenvolvido com os alunos-presidiários era de canto coral e devido à timidez dos mesmos, existiu uma pequena resistência dos alunos-presidiários em cantar. Ao final do ano letivo essa resistência foi

superada pela crença que eu tinha e demonstrava para os alunos em relação ao potencial musical de cada um deles, assim como alguns resultados que foram alcançados nas aulas de música.

Já no ano de 2006, a relação entre eu e os alunos-presidiários tornou-se mais cúmplice, pois o foco das aulas de música havia sido modificado, sendo aprovado por todos os alunos que haviam tido aulas de música em 2005. Como tínhamos o ano letivo de 2006 para desenvolver algumas atividades musicais e, devido à clientela bastante heterogênea no sentido de vivências musicais, como alguns alunos que tocavam em baterias de escola de samba da cidade, ou mesmo outros alunos que tinham bandas ou grupos de pagode, ou simplesmente aqueles que gostavam de música, fez com que as aulas mudassem de foco, sendo que as “bagagens musicais” dos alunos-presidiários seriam muito mais ricas nas aulas de música do que simplesmente ignorar o aprendizado que esses alunos já trazem consigo. Assim, eu também aprendia música com eles.

Em 2007 foi complicado o início do ano letivo, pois no ano anterior, os alunos tiveram muitas dificuldades de entendimento de ritmo e execução dos mesmos, então resolvi começar por outros “rumos”. Começamos com atividades para desenvolver a audição e execução de ritmos, mas para minha surpresa, os alunos não queriam fazer esses tipos de atividades, eles queriam tocar. Bom, mas e como os fazer tocar se a grande maioria dos alunos só conhecia música ouvindo? Era um desafio e resolvi tentar.

Quando eu levei os instrumentos para os alunos, a reação dos mesmos foi como criança quando ganha um brinquedo que tanto imagina, os olhos dos alunos brilhavam e a vontade de aprender a tocar os instrumentos me deu muita motivação para ensinar o que eu sabia e aprender com eles o que eles sabiam.

Junto com as aulas práticas, eram feitas algumas audições de músicas e estilos musicais, sendo comentadas pelos alunos de duas formas diferentes: as primeiras audições eram feitas para reconhecimento de instrumentos, país de origem, língua que era cantada, se a música tinha voz ou era somente instrumental e elementos mais técnico-musicais. Já as outras audições que foram acontecendo mais para o final do ano letivo, foram audições para identificar pessoalmente o que cada música transmitia aos alunos-presidiários, sendo que um dos alunos chegou a dizer: “Bei professora, a senhora está nos ensinando de verdade o que é ouvir música” (Ângelo¹, diário de aula 07, p.1).

¹ São usados nomes fictícios para manter a integridade física e moral dos alunos-presidiários.

Essa relação de confiança e sinceridade existente nas aulas de música faz com que o processo de ensino e aprendizagem se torne essa troca de experiências e conhecimentos, pois assim como eu “ensinei” esse aluno, ele também me ensinou a tocar pagode, mais especificamente o tamborim, apesar de ser improvisado com o cowbell².

Todo dia que tenho aula na escola do Presídio procuro seguir uma rotina, mas que geralmente é modificada, devido aos imprevistos que surgem durante o dia. Mas uma das atividades na qual eu não posso abrir mão é de tocar violão e cantar para os alunos ao final de todas as aulas. Sendo essa atividade usada como um momento de nostalgia e lembranças.

Acredito também que a troca de conhecimentos se dá por causa da descentralização das aulas do professor e centralização nos alunos. Assim como a escolha do repertório é feita em conjunto, de acordo com os gostos, lembranças e cultura de cada indivíduo em cada turma, traz certa confiança e a certeza de que eles estão fazendo música e mudando o ambiente em que eles vivem e estudam

Mas e quem são os alunos-presidiários?

Os alunos-presidiários são alunos que vem de vários lugares do país. São paulistas, gaúchos, mato-grossenses, e que estão presos por diversos delitos, sendo os mais comuns: tráfico de drogas e furto. No início, em 2005 e 2006, os alunos-presidiários, muitas vezes, comunicavam-se através dos códigos ao qual tinham sido condenados, quando o assunto entre eles na sala de aula era cadeia. Com o passar do tempo e ao adquirir confiança por parte dos alunos, alguns comentavam abertamente sobre o delito cometido e por outras cadeias no qual haviam passado antes de pararem no Presídio Regional de Santa Maria. Desses anos como professora de música, tive alunos de 18 anos até 60 anos, mas sendo essa uma clientela inconstante, esses alunos já não se encontram na escola ou até mesmo no Presídio.

Alguns dos alunos-presidiários são de classe baixa, ou seja, são pobres. E é a grande maioria dos presos, mas ali também se encontram presos com condições melhores de vida. Não me refiro aos ricos, essa classe não existe na cadeia, mas me refiro a pessoas com um pouco mais de instrução e condições de vida, que muitas vezes levadas pela ambição, cometem delitos e acabam parando na prisão. Percebem-se nas aulas que aqueles alunos que possuem menos instrução escolar são também os presos com condições sociais menos favorecidas.

² Instrumento de percussão, também conhecido como “sino de vaca”, devido ao som produzido por esse instrumento ser semelhante ao som dos sinos usados nas vacas.

Alguns alunos reconhecem que precisam estudar para “mudar” de vida e tentar um emprego melhor, mas mesmo assim, existem os alunos conscientes do estudo e sabem que se voltarem para “o crime”, as condições de vida melhoram mais rápido do que se fosse com o trabalho honesto. Em uma conversa informal com um dos alunos, ele comentou seu delito comigo e disse que sabia estar errado, mas para sustentar a família não poderia sobreviver com pouco dinheiro e isso fazia voltar “ao crime”.

A clientela é bastante heterogênea, e assim como cada indivíduo possui sua “bronca” com a polícia e possui histórias únicas e individuais, em relação à música é a mesma coisa. Alguns adoram música, mas nunca tiveram nenhum contato com ela, a não ser como ouvintes. Outros, por sua vez, gostam de cantar, outros de tocar algum instrumento aprendido fora da prisão como o violão e até instrumentos de percussão devido o conhecimento adquirido através da participação como instrumentistas em algumas escolas de samba.

Essa clientela heterogênea encontrada na escola faz com que exista uma troca mútua de conhecimentos entre os alunos e eu, tornando, na medida do possível, as aulas de música em prazer e lazer.

Tecendo relações teóricas

Para o entendimento desse projeto que está sendo desenvolvido no Presídio Regional de Santa Maria, no estado do Rio Grande do Sul, trago a base teórica sobre o processo pedagógico-musical, sendo ele definido por Kleber (2006), como um fato social total (Mauss, 2003).

Sobre a definição de fato social total, Mauss(2003) destaca:

[...] como nos propomos a chamá-los, exprimem-se, de uma só vez, as mais diversas instituições: religiosas, jurídicas e morais – estas sendo políticas e familiares ao mesmo tempo -; econômicas – estas supondo formas particulares da produção e do consumo, ou melhor, do fornecimento e da distribuição -; sem contar os fenômenos morfológicos que estas instituições manifestam (MAUSS, 2003, p. 187)

O fato social total apresenta-se, portanto, com um caráter tridimensional. Ele deve fazer coincidir a dimensão propriamente sociológica, com seus múltiplos aspectos sincrônicos; a dimensão histórica ou diacrônica; e, enfim, a dimensão fisio-psicológica. É

somente em indivíduos que essa tríplice aproximação pode ocorrer. Se nos dedicamos a esse “estudo do concreto, e do completo”, devemos necessariamente perceber que “o que é verdadeiro não é a prece ou o direito, mas o melanésio dessa ou daquela ilha, Roma, Atenas” (MAUSS, 2003, p.24).

Nesse projeto, entendemos as aulas de música no presídio, como um fato social total, pois assim como Mauss (2003), temos uma “multiplicidade de coisas sociais” e que são complexas por si só. Para entendermos o tema desse projeto, devemos compreender cada uma das partes que compõem o fato social total, que são: o contexto histórico, jurídico, institucional, morfológico, sociocultural e de ensino e aprendizagem.

Para que seja possível a compreensão sobre como se dão os processos pedagógico-musicais como um fato social total, devemos entender o que são os processos pedagógico-musicais a partir da perspectiva de Kleber (2006), onde a autora define:

Assim, o processo pedagógico-musical é entendido, nos espaços físico, institucional e simbólico [...], como possibilidade de produção de novas formas de conhecimento musical nas suas diversas dimensões: institucional, histórica, sociocultural e de ensino e a aprendizagem musical. O significado do termo pedagógico, não se restringe, portanto, somente aos processos de ensino e aprendizagem, mas é entendido com um campo pluridimensional conectado. (KLEBER, 2006, p.27)

Sendo “um campo pluridimensional” na perspectiva de Kleber, entendemos que as diversas formas de conhecimento, nos remetem a um ponto relevante nesse projeto. Esse conhecimento, não está restrito ao que chamamos de aprendizagem musical, mas compreendendo esse “processo”. Assim, é levado em consideração o local onde ocorre essa aprendizagem, sendo ele o Presídio e a escola/núcleo, a história das aulas de música, dos alunos, suas trajetórias de vida, assim como o próprio espaço físico, se é adequado, grande, pequeno, suas relações com a sociedade, sua cultura e também como é a relação de ensino e aprendizagem. Esse ponto é o entendimento dos processos pedagógico-musicais como um fato social total na perspectiva e definição de Mauss (2003).

Caminhos metodológicos

Sobre os caminhos metodológicos que foram tomados para o desenvolvimento do projeto, analisamos o estudo de uma cultura específica, neste caso a cultura penitenciária, assim como a influência da música na vida dessas pessoas, pela riqueza de informações que contém, está sendo usada uma abordagem qualitativa, onde os mesmos estão sendo ouvidos, contribuindo com o tema da pesquisa.

Por se tratar de um tema sobre os processos pedagógico-musicais que ocorrem nas aulas de música, a abordagem qualitativa tornou-se necessária para atingir os objetivos dessa pesquisa, pois trata de um fenômeno social, sendo apoiados por Minayo (1994, p.22): “a abordagem qualitativa aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas”.

Tomando-se como base a relação entre pesquisador e o sujeito pesquisado e analisando o caso particular desta pesquisa, também se busca uma maior interação entre pesquisador e os sujeitos a serem pesquisados como nos dizem Lüdke e André (1986):

Não há [...] possibilidade de se estabelecer uma separação nítida e asséptica entre o pesquisador e o que ele estuda e também os resultados do que ele estuda. Ele não se abriga e uma posição de neutralidade científica, pois está implicado necessariamente nos fenômenos que conhece e nas conseqüências desse conhecimento que ajudou a estabelecer. (LÜDKE E ANDRÉ, p.5).

Em relação ao estudo de caso etnográfico, Lüdke e André (1986) lembram-nos que até muito recentemente a etnografia era utilizada exclusivamente pelos sociólogos e antropólogos. Entretanto, no início da década de 70, os pesquisadores da área da educação começaram a usar também as técnicas que os pesquisadores mencionados utilizavam dando assim, origem a uma nova linha de pesquisa na área da educação, a pesquisa etnográfica na prática escolar.

Sabendo que Mauss (2003), definiu o conceito sobre o que é um fato social total a partir de um estudo etnográfico, o autor também vem a colaborar sobre a etnografia, no que se refere a definição desse método de pesquisa:

O lugar eminente da etnografia nas ciências do homem, que explica o papel que ela já desempenha em alguns países, sob o nome de antropologia social e cultural, como inspiradora de um novo humanismo, deve-se ao fato de ela apresentar sob uma forma experimental e concreta esse processo ilimitado de objetivação do sujeito que, para o indivíduo, é tão dificilmente realizável. (MAUSS, 2003, p.27)

Para Morse (1994), etnografia está sempre relacionada a um conceito de cultura. A cultura é sempre aprendida entre os membros do grupo que pode ser descrito e interpretado. A cultura envolve o etnógrafo no sentido de ir até o que o povo diz e, entender os sistemas de significados destes indivíduos. A etnografia focaliza um grupo de pessoas que tem coisas em comum.

Para se pesquisar os processos pedagógico-musicais existentes nas aulas de música, faz-se necessário esse estudo que busca a “totalidade”, mostrando como ocorrem esses processos, se ocorrem e de que maneira ocorrem na sala de aula, levando em consideração a cultura penitenciária. Devemos levar em consideração as condições de aprendizado desses alunos-presidiários e condições de trabalho do professor. No que se refere à essas condições, André (1995) nos contempla com:

O estudo da dinâmica de sala de aula precisa levar em conta, pois, a história pessoal de cada indivíduo que dela participa, assim como as condições específicas em que se dá a apropriação dos conhecimentos. Isto significa, por um lado, considerar a situação concreta dos alunos (processos cognitivos, procedência econômica, linguagem, imaginário), a situação concreta do professor (condições de vida e de trabalho, expectativas, valores, concepções) e sua inter-relação com o ambiente em que se processa o ensino (forças institucionais, estrutura administrativa, rede de relações inter e extra-escolar). Por outro lado, significa analisar os conteúdos e as formas de trabalho em sala de aula, pois só assim se poderá compreender como a escola vem concretizando a sua função socializadora. (ANDRÉ, 1995, p. 43-44).

Sendo assim, o estudo do cotidiano nas aulas de música, se faz necessário através do método do estudo de caso etnográfico, pois contempla a “totalidade”, sendo essa, descrita como um fato social total e os contextos que formam esse fato social total, para que o estudo da cultura penitenciária possa ser compreendida dentro do âmbito educacional.

Segundo Michael Genzuk (1993), etnografia é um método de olhar de muito perto, que se baseia em experiência pessoal e em participação, que envolve três formas de recolher dados: entrevistas, observação e documentos, os quais, por sua vez, produzem três tipos de dados: citações, descrições e excertos de documentos, que resultam num único produto: a descrição narrativa. Esta inclui gráficos, diagramas e artefatos, que ajudam a contar a

“história”. Por isso, como instrumentos de coleta de dados estão sendo usados: observação-participante, entrevistas semi-estruturadas, diários de campo, documentos e gravações de áudio e audiovisuais.

Optar por utilizar os recursos audiovisuais e de áudio se torna necessário para uma melhor compreensão do tema a ser pesquisado. De acordo com Robson (1998), sobre os instrumentos de coleta de dados, também existem outras possibilidades de coleta de dados, como gravações, sendo elas de fala ou audiovisuais.

Sobre a observação participante, Bogdan e Taylor (1986) definiram-na como uma investigação que se caracteriza por um período de interações sociais intensas entre o investigador e os sujeitos, no meio destes, durante o qual os dados são recolhidos de forma sistemática.

Durante a estada no campo, os dados recolhidos são provenientes de fontes diversas, nomeadamente observação participante, propriamente dita, que é o que o observador apreende, vivendo com as pessoas e partilhando as suas atividades. Mas, também, através das entrevistas, que podem ser conversações ocasionais no terreno, de forma estruturada, semi-estruturada ou não estruturada, e mediante o estudo, quer de documentos “oficiais”, ou documentos pessoais, nos quais os nativos revelam os seus pontos de vista pessoais sobre a sua vida ou sobre eles próprios, e que podem assumir a forma de diários, cartas, autobiografias.

Considerações Finais

Pesquisas sobre aulas de música num lugar pouco comum a sociedade (neste caso o Presídio), podem contribuir com a área da Educação e Educação Musical, pois pode servir de estímulo a pesquisas com presidiários, sendo este um ambiente pouco “explorado” e de informações peculiares a qual nos podem ser oferecidas. Esse trabalho traz algumas considerações finais em relação ao processo de ensino e aprendizagem musical, sendo que esses quase três anos de convivência com os alunos-presidiários demonstram que o convívio, a troca de experiências e conhecimentos é mútua, resultando em um aprendizado musical sólido contribuindo com o aprendizado para suas vidas, sabendo que esse estudo trata-se de um fenômeno social complexo.

REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, Marli Eliza. **Etnografia da Prática Escolar**. Campinas: Papirus, 1995.
- GOMES, Celson Henrique Souza. **Formação e atuação de músicos das ruas de Porto Alegre: um estudo a partir dos relatos de vida**. 1998. Dissertação (Mestrado em Educação Musical)- Programa de Pós-Graduação em Música, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- GENZUK, Michel. **Latino Paraeducators: A Source For Remediating The Shortage Of Spanish Speaking Bilingual Teachers**. University of Southern California Latino Teacher Project. Los Angeles: California, 1993.
- KLEBER, Magali Oliveira. **A prática de educação musical em ONGs: dois estudos de caso no contexto urbano brasileiro**. Tese (Doutorado em Música) – IA/PPG-Música, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.
- LEMONS, Miriam P. **Ritos de entrada e ritos de saída da cultura da rua: trajetórias de jovens moradores de rua em Porto Alegre**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.
- LÜDKE, Menga, ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986. (Temas básicos de educação e ensino).
- MARTINHO, Cássio. **Redes: uma introdução às dinâmicas da conectividade e da auto-organização**. Brasília: WWF Brasil, 2004.
- MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Cosac&Naify, 2003.
- MINAYO, Maria Cecília. **Pesquisa Social: método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- MORSE, Janice. **Qualitative research methods**. London: Sage, 1994.
- PRASS, Luciana. **Saberes musicais em uma bateria de escola de samba: uma etnografia entre os Bambas da Orgia**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.
- ROBSON, Colin. **Real world research**. Oxford: Blackwell, 1998.
- TAYLOR e BOGDAN. **Introducción a los métodos cualitativos de investigación**. Barcelona: Paidós, 1986.